xv abralic
experiências literárias textualidades contemporâneas

ATMOSFERA MORNA: TÉDIO E MELANCOLIA EM AUGUSTO DOS ANJOS

Dayana Mendes Lopes (UERJ)
Gustavo Bernardo Krause (UERJ)

Resumo: Mesmo sendo autor de um único livro, Augusto dos Anjos tornou-se popular entre os leitores, conquistando, posteriormente, merecido espaço na academia. Este trabalho tem por objetivo evidenciar a presença da melancolia e do tédio na obra do poeta paraibano. A fim de conceber esta interpretação, buscou-se apontar o conceito de tais sentimentos, demonstrando os traços de aproximação entre ambos. Para tanto, tomamos como base o pensamento freudiano, bem como outros trabalhos mais recentes sobre o tema dentro da área de Filosofia. Optou-se, na análise realizada, por utilizar os poemas "Vozes de um túmulo", "Poema negro" e "Eterna mágoa" já que os três revelam a configuração de um eu lírico profundamente melancólico a ponto de não enxergar sentido na própria existência. Além disso, esses poemas expõem a presença de uma voz pessimista que concebe a si própria de forma depreciativa. Diante das ideias apresentadas, almejou-se apontar o fastio existencial e a tristeza profunda como elementos importantes para a construção do sujeito poético augustiniano.
Palavras-chave: Augusto dos Anjos. Melancolia. Tédio existencial.

Embora Augusto dos Anjos seja autor de um único livro, *Eu* (1912) ainda fascina o leitor com seu vocabulário peculiar e com forte pessimismo. Trata-se de uma obra marcada pelo tédio e pela melancolia como se pretende evidenciar neste artigo. A fim de evidenciar a presença de tais sensações em sua poesia, faz-se necessário, a princípio, conceituá-las e defini-las.

A palavra "melancolia" surge na Grécia no início do século IV a. C.: *melankholia*, associação de *kholê* (bile) e *melas* (negro). Foi traduzido para o latim no século III, tornando-se *melancholia*. A tentativa de compreensão e definição do homem buscada pelos gregos encontrou na natureza elementos de comparação e analogia. De tal forma, as quatro estações do ano e as quatro qualidades fundamentais da matéria (quente, frio, seco e úmido) inspiraram Hipócrates a associar quatro humores que seriam responsáveis, por meio do equilíbrio ou do desequilíbrio que manteriam entre si, pela saúde e pela doença do corpo e da alma. A melancolia decorreria do excesso de uma substância natural, a bile negra.

A história da melancolia recebeu uma importante contribuição no século XX com a publicação de *Luto e melancolia* (2014) de Sigmund Freud. O pai da psicanálise apresentou um estudo sincrônico, centrado em suas experiências clínicas. Para Freud, a melancolia seria uma tristeza profunda da qual o sujeito tem grande dificuldade de sair, sem entrar no círculo vicioso da melancolia-mania. Dentro de tal cenário, o objeto perdido do melancólico é um objeto recalcado e, ainda, o fato de ter existido alguma perda parece ter sido recalcado pelo próprio melancólico. Toda a situação de sofrimento do sujeito com o objeto perdido é um drama que se dá dentro do inconsciente, estando sujeito, logo, a leis arbitrárias e a ambivalências.

Suzana Kampff Lages aponta em seu livro *Walter Benjamin: tradução e melancolia* (2007) que há uma aproximação entre o conceito freudiano e o fenômeno medieval conhecido como acédia. Para construir sua argumentação, a autora toma como base a leitura feita por Giorgio Agamben da teoria freudiana. Para o filósofo italiano, o desligamento do objeto e o retirar-se em si mesmo com intenção contemplativa são dois elementos ligados à teoria de Freud que estão presentes nas descrições medievais do fenômeno da acédia.

O conceito de *acedia* (acédia) foi usado para caracterizar uma alteração do humor comum entre religiosos que, a partir do século IV, povoaram os desertos do Egito, da Palestina e da Síria em busca de uma vida contemplativa. O termo foi considerado um dos oito vícios capitais, associado, inclusive, ao demônio meridiano. Criou-se, ao longo da Idade Média, a ideia de que existia um demônio do meio-dia ou demônio meridiano. A figura mitológica seria responsável por retirar o ânimo dos padres, levando-os a não mais ter motivação para o trabalho de pregação.

O excesso de abstinência e a impossibilidade real de objetos de satisfação conduzem o acometido pela acédia a uma resolução alucinatória. Por conseguinte, o demônio invade-lhe a alma e, por meio de representações e imagens, induz a realização de todos os vícios pela alucinação. Além disso, o demônio do meio-dia esvazia o mundo de significado, “faz o monge se lembrar da vida que tinha antes de entrar no mosteiro, com todos os seus atrativos, tentando-o a desistir da devoção a Deus” (SVENDSEN, 2006, p.53).

É possível traçar, ainda, uma aproximação entre o conceito medieval e o tédio. Assim como o enfado, a presença da acédia afeta a percepção que se tem da passagem do tempo. Em ambos os casos, as horas se arrastam, tornam-se lentas. Ademais, a ociosidade e a indiferença surgem na definição empregada pelo primeiro religioso a

definir tal conceito (Evágrio Pôntico) e se mantém no entendimento mais moderno que se tem de fastio.

Torna-se possível perceber, assim, que tédio e melancolia são sensações que se ligam. O primeiro é, antes de tudo, uma questão existencial. Envolve o que significa "ser", liga-se à percepção que temos da realidade, à forma como analisamos momentos da nossa própria existência. Está condicionado ao modo como percebemos a passagem do tempo. Podemos estar entediados, mas não necessariamente tristes. No entanto, caso estejamos melancólicos, conceberemos o momento presente como desagradável e tedioso. Nesse caso, a tristeza profunda será acompanhada de um fastio existencial.

O primeiro a criar uma aproximação entre melancolia e enfado foi Blaise Pascal. Em *Pensamentos*, ele afirma que todos os atos humanos, caso sejam feitos sem considerar a presença de Deus, não passam de vazios, sem significação. Pascal defendia, além disso, que, na ausência de uma relação com Deus, o homem direciona-se para os prazeres com o intuito de se esquecer de seu próprio estado miserável.

Antes de Pascal aproximar tais conceitos, segundo Pezze e Salzani (2009), a palavra "ennui", que significa "enfado", já havia sido incorporada ao francês entre os séculos XVII e XVIII. O vocábulo origina-se do latim *odium* e da expressão latina *innodiare*. Este último significa aversão pela vida.

Ao observarmos a língua inglesa, percebemos que, no século XVII, o conceito de melancolia foi levado para a Inglaterra e se popularizou sob o nome de *spleen*. Essa palavra servia para indicar um humor triste, significando "baço" e, por isso, fazia menção à bile negra. No entanto, era insuficiente para caracterizar a ideia de vazio, assim, "ennui" passa a ser incorporada ao inglês.

A fim de entendermos melhor a aproximação entre tais sensações, faz-se necessário recorrer à definição de tédio dada pelo sociólogo alemão Martin Doehlemann (1991). Para o estudioso, há quatro tipos de tédio: o tédio situacional (sentimento oriundo de situações do cotidiano em que o indivíduo não tem liberdade para fazer o que gostaria); o tédio da saciedade (quando a relação com um determinado objeto é feita de forma exagerada, tornando-o banal e levando os sujeitos a perderem o interesse por aquilo); o tédio existencial (tem-se a sensação de que a alma está sem conteúdo, presencia-se o vazio, não enxergando no mundo nada além de um "ponto morto"); e o tédio criativo (o homem passa a ter uma necessidade de fazer uma ação nova, é impulsionado a inovar).

O enfado existencial articula-se à melancolia, já que sua definição reforça, naquele que o sente, a sensação de vazio diante da própria vida. A solidão, a angústia e o vazio por não encontrar nenhum objeto que alimente o seu desejo fazem com que o melancólico veja as ações que desempenha e a si próprio como insignificantes.

Cabe ressaltar que o eu poético de Augusto dos Anjos mostra-se com alguém que não sente orgulho dos próprios feitos e enxerga-se de forma inferiorizada. Há, na construção poética do escritor paraibano, forte presença de um sujeito lírico melancólico e entediado diante da vida.

A atmosfera pesada e densa de seus escritos provoca uma leitura incômoda ao apresentar, com frequência, um eu lírico angustiado diante do mundo e das relações sociais. Por verbalizar a decadência, muitos entendem que sua poesia exprime agonias universais. Isso explica a popularidade de seu único trabalho junto a leitores que não estão inseridos no meio acadêmico.

Existem dois caminhos para analisar sua obra: estabelecer uma aproximação entre seus escritos e sua vida ou interpretar o conteúdo de sua poesia sem fazer referência à biografia. Optamos, neste trabalho, por não reduzir nossa interpretação a questões biográficas, tampouco traçaremos o perfil psicológico de Augusto dos Anjos.

Ferreira Gullar (1976), ao analisar *Eu*, destaca a trajetória de vida do escritor e chama atenção para seu passado. Nascido e criado sob o regime rural do patriarcalismo, teve os engenhos de açúcar como cenário de sua infância. No entanto, o baixo preço da aguardente e do açúcar faz com que a família tivesse graves problemas financeiros. Com a morte do próprio pai em 1905 e de seu tio três anos depois, os familiares vendem as terras no interior e se mudam para a cidade. Como salienta Gullar, Augusto dos Anjos cresce, justamente, em um momento de profunda ruína e luto:

> É nesse ambiente de decadência, doença e luto que vive Augusto dos Anjos. Mas o que desmorona não é apenas sua própria família: é todo um amplo setor da classe latifundiária do Nordeste atingida pelas transformações econômicas, sociais e políticas das últimas décadas: a abolição da escravatura, a proclamação da República, a construção da *The Conde d'Eu Railway Company Limited*, o estabelecimento da Companhia de Engenhos Centrais anglo-holandesa. É a penetração do capitalismo que, se por um lado significa progresso, por outro, agrava a miséria legendária da região. Assim, tudo em sua volta parece estar morrendo, desmoronando (...). (GULLAR, 1976, p.14)

Isso pode ser comprovado quando se analisam alguns escritos do autor. O poema "As cismas do destino", por exemplo, articula-se, inicialmente, nas ruas de Recife,

cidade onde o artista formou-se em Direito. Ademais, o luto e a perda do próprio progenitor são evidenciados em três sonetos sem título que foram dedicados a ele:

> Madrugada de Treze de Janeiro.
> Rezo, sonhando, o ofício da agonia.
> Meu pai nessa hora junto a mim morria
> Sem um gemido, assim como um cordeiro!
> (...)
> Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas,
> Como Elias, num carro azul de glórias,
> Ver a alma de meu Pai subindo ao Céu! (DOS ANJOS, 1994, p.269)

Convém expor que uma leitura de *Eu* centrada apenas na biografia de seu criador configuraria uma abordagem pouco abrangente. Por isso, o estudo aqui desempenhado busca promover uma nova forma de olhar para a escrita de Augusto dos Anjos, estabelecendo um diálogo entre seus poemas, o tédio existencial e a melancolia. Nesse sentido, entende-se a referida obra como a representação da angústia diante do vazio. Nas palavras de Lucia Helena (1984), temos:

> O Nada e a Arte são dois instantes de poesia de que se nutre a obra de Augusto dos Anjos. Da tensão que se estabelece entre o que nunca pode ser (o Nada) e o que faz vir à luz o vigor do que não perece (a Arte), Augusto dos Anjos tece o seu poema. E o que nele realiza não é o contar de uma história – a sua ou a dos homens – nem é a defesa dos ideais monistas: o *Eu* transpõe os limites do "estoriar" e constitui-se a instância em que se projeta a questão da liberdade instigadora da criação poética. (HELENA, 1984, p. 59)

Chama-nos atenção, além disso, o fato de ser possível perceber temas que se repetem em mais de um poema. A decomposição humana, a precariedade da existência e a presença do verme como imagem poética surgem reforçando não só o pessimismo, mas também a pequenez de todo e qualquer homem. Todos ilustram que o eu poético augustiniano não enxerga significado nas próprias ações.

No poema "Vozes de um túmulo", a visão que o eu lírico tem de si é marcada pela consciência da própria insignificância e sensação de vazio. Ele não possui mais brilho nos olhos ou orgulho de suas ações, por perceber que é constituído apenas de "matéria e entulho". Assim, a voz manifestada na poesia passa a descrever a si mesma de forma depreciativa:

> Morri! E a Terra - a mãe comum - o brilho
> Destes meus olhos apagou!... Assim
> Tântalo, aos reais convivas, num festim,
> Serviu as carnes do seu próprio filho!
>
> Por que para este cemitério vim?!
> Por quê?! Antes da vida o angusto trilho

Palmilhasse, do que este que palmilho
E que me assombra, porque não tem fim!

No ardor do sonho que o fronema exalta
Construí de orgulho ênea pirâmide alta...
Hoje, porém, que se desmoronou

A pirâmide real do meu orgulho,
Hoje que apenas sou matéria e entulho
Tenho consciência de que nada sou! (DOS ANJOS,1994, p. 259)

O texto se inicia com o fim do eu lírico - "Morri!". Tal escolha coloca a voz do poema de forma que ela represente um único ser e, ao mesmo tempo, seja plural, possibilitando o entendimento de que a morte atinge a todos. O título no plural reafirma a ideia, mas, ao mesmo tempo, o verbo "morrer", que se encontra no singular, reforça a individualidade daquele que reconhece a própria finitude. O poema traz, portanto, um deslocamento no eixo discursivo: se por um lado, o nome do poema ilustra que a morte afeta qualquer ser; por outro, o uso da primeira pessoa concentra a angústia contida nos versos do poema na ótica de um indivíduo, reforçando o título geral do livro.

Faz-se notável uma aproximação entre "Vozes de um túmulo" e o pensamento de Arthur Schopenhauer. Trata-se de um poema em que o eu poético oriundo do nada e despojado do seu dom (a vida) por meio da morte ao nada retoma. Assim, no momento em que está no túmulo e contempla a própria finitude, acaba realizando uma análise desanimada de seu ser, ou seja, o "viver é sofrer" schopenhauriano se estende ao pós-vida e a qualquer outra instância metafísica, pois nada acontece a não ser uma angústia, um bloqueio.

Já em "Poema negro", há a presença de uma grande indiferença diante do mundo e uma agonia provocada pela passagem dos séculos. O eu lírico é tomado por inúmeros pensamentos e inquietudes durante uma crise de insônia, chegando até a refletir sobre o sofrimento de Jesus. Ele encontra-se tomado pela dor que o impede de dormir e faz com que tenha certeza de estar preso a uma vida vazia:

(...)
A passagem dos séculos me assombra.
Para onde irá correndo minha sombra
Nesse cavalo de eletricidade?!
Caminho, e a mim pergunto, na vertigem:
— Quem sou? Para onde vou?
Qual minha origem?
E parece-me um sonho a realidade.

Em vão com o grito do meu peito impreco!
Dos brados meus ouvindo apenas o eco,

Eu torço os braços numa angústia douda
E muita vez, à meia-noite, rio
Sinistramente, vendo o verme frio
Que há de comer a minha carne toda!

É a Morte — esta carnívora assanhada —
Serpente má de língua envenenada
Que tudo que acha no caminho, come...
(...)(DOS ANJOS,1994, p. 250)

Faz-se, nesse poema, uma viagem por tempos e momentos remotos. O sujeito lírico, sem conseguir dormir, fica submerso em seus próprios pensamentos e, após apontar indagações sobre o próprio lugar no mundo e sobre a própria existência, passa a sentir-se fisicamente doente - embora a dor seja a representação de seu estado de espírito e não exista de fato. Por fim, ele exclama: "É tão vazia a minha vida".

Assim, toda a movimentação que ocorre dentro do fluxo de pensamentos do eu lírico leva-o a sentir-se vazio, portador de uma existência que não apresenta sentido e significado. Por ver a si próprio como oco, passa também a entender o mundo da mesma forma. Se a morte alcançará todos os seres ("Sai para assassinar o mundo inteiro,/ E o mundo inteiro não lhe mata a fome!"), nenhuma existência será, igualmente, portadora de significado. Nesse sentido, o outro, que está no mundo físico, que faz parte de tudo aquilo com que o sujeito lírico interage, nada representa, tornando-se mais um exemplo de matéria insignificante que será, invariavelmente, também devorada pelos vermes.

Em "Eterna mágoa", menciona-se diretamente a palavra "tristeza". Trata-se de um poema em terceira pessoa que mostra a melancolia como um sofrimento profundo:

O homem por sobre quem caiu a praga
Da tristeza do mundo, o homem que é triste
Para todos os séculos existe
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois nada há que traga
Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.
Quer resisitir, e quanto mais resiste
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga

Sabe que sofre, mas o que não sabe
É que essa mágoa infinda assim, não cabe
Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerme;
E quando esse homem se transforma em verme
É essa mágoa que o acompanha ainda! (DOS ANJOS,1994, p. 290)

A tristeza, no poema, não se limita a uma única existência, acompanha os homens mesmo quando os corpos são comidos pelos vermes. O soneto evidencia a

melancolia como uma condição humana que sempre existiu e que machuca como se fosse uma chaga. Tal sentimento profundo deixa de manifestar-se na mente e passa a ser sentido como uma dor física.

"Eterna mágoa" é um dos textos do escritor que melhor expõe o conceito lançado por Freud, haja vista que revela "um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar" (FREUD, 2014, p. 47).

Ilustra-se, portanto, que o tédio e a melancolia, na poesia de Dos Anjos, surgem dentro do "eu", isto é, fazem parte da visão de mundo que o sujeito tem de si mesmo. Tal construção interna afeta, consequentemente, a forma como a voz poética interage com o mundo, já que entenderá também o ambiente externo como frívolo.

Após a leitura dos poemas "Vozes de um túmulo", "Poema Negro" e "Eterna mágoa", constatou-se que, de forma mais visceral e melancólica, o eu lírico presente no livro único de Augusto dos Anjos concentra o tédio como força incômoda e latente dentro de si, mantendo uma postura dissonante dos outros autores do início do século XX.

Referências

ANJOS, Augusto dos.*Obra completa.*Org. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

DOEHLEMANN, Martin. **Langeweile? Deutung eines verbreiteten Phänomens.** Frankfurt, 1991.

GOODSTEIN, Elizabeth S. *Experience without qualities: boredom and modernity*. California: 2005.

GULLAR, Ferreira. *Augusto dos Anjos ou Vida e Morte Nordestina.*In: Anjos, Augusto dos. *Toda Poesia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

HELENA, Lucia. *A cosmo-agonia de Augusto dos Anjos.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancholia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos.* Domínio Público. Disponível em: http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/pascal_02.pdf.

PEZZE, B.D.;SALZANI,C. *Essays on boredom and modernity*. Nova Iorque: Rodopi, 2009.

PREGER, Guilherme de Figueiredo. *A poética da ingratidão:uma leitura heteronômica da obra de Augusto dos Anjos*.2001. 186 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2001.

SVENDSEN, L. *Filosofia do tédio*. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.